
Curiando Dona Flor

Clara Nabuco da Fonseca¹

Resenha: Florentina Pereira Santos. *O partejar e a farmacopeia de Dona Flor: histórias e ensinamentos de uma mestra quilombola*. Organizadora Juliana Floriano Toledo Watson; coordenadora Natália Cristina Aniceto Ramos; ilustração Ani Ganzala; fotografia Melissa Maurer. Brasília, DF: Avá Editora, 2022. 272 p. ISBN: 978-85-54295-48-6 R\$ 130.

A autora, Florentina Pereira Santos, é uma Mestra quilombola, parteira, raizeira, professora, agente de saúde, liderança da sua comunidade e mais tantos outros ofícios. Ela é mais conhecida na sua comunidade como Dona Flor, tendo completado 85 anos no último dia 2 de fevereiro, a parteira que já realizou mais de 330 partos e é dona da farmacinha do Moinho (quilombo que fica na região da chapada dos veadeiros), onde vende os mais variados produtos feitos a partir de seus conhecimentos das plantas.

Existem teses e artigos publicados sobre ela, das mais diversas áreas, por exemplo as dissertações de mestrado de Eliana Feitosa e Iara Attuch, intituladas, respectivamente identidade e cultura: estudo etnogeográfico da comunidade tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás (2017) e Conhecimentos tradicionais do Cerrado: Sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira (2006); ou o filme documentário intitulado “Flor do Cerrado” (2016), de Érika Bauer.

Mesmo com todo esse reconhecimento e com a constante procura dos seus cuidados (pelos mais variados tipos de pessoas), Dona Flor não aprendeu a ler ou a escrever, o que torna curiosa e importante a publicação desse livro. Por esse motivo, dentre tantas pessoas que se aliam à Dona Flor em busca de trocas de cuidado e aprendizado, é preciso mencionar Juliana Watson, a organizadora da obra. Watson é aprendiz de Dona Flor. Acompanha a

¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), Bacharel em Antropologia e Ciências Sociais pela UnB, Licenciada em Ciências Sociais pela (UnB), Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário IESB. Pesquisadora do MATULA, Laboratório Sociabilidades Diferenças e Desigualdades, vinculado ao CNPQ, com interesse em povos tradicionais, povos do cerrado, etnobotânica, percepções sobre o corpo e saúde e primeira infância.

mestra desde 2016, tempo durante o qual concluiu sua tese de mestrado WATSON, Juliana Floriano Toledo. Bem viver do Cerrado: partear amor, parir uma bioética local. 2016.

Um dos filhos desse encontro é o livro que apresentado aqui. Ele contém um pouco da história de Dona Flor e uma breve explicação sobre a relação de Juliana com a mestra. Além disso, moram no livro ensinamentos da mestra sobre parto, saúde da mulher e de uma parte das plantas com as quais ela cuida de pessoas, de animais, do cerrado e de outras plantas. Merece destaque o belo trabalho gráfico de diagramação, de ilustração e de design realizado na produção do livro. As escolhas das cores das páginas e das letras não foram casuais. O cuidado e a beleza das ilustrações compõem um todo essencial, acolhedor e convidativo.

Essa obra feita de muitas mãos é um exemplo de como é possível se unir e se ajudar a criação de algo que é mais do que a soma das partes (Haraway, 2016: 58-99). É também um exemplo do cuidado e respeito que um pesquisador pode ter quanto aos saberes tradicionais e originários, como ensina Manuela Carneiro da Cunha (2009: 301-309) e como observamos com o livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015).

No que diz respeito à concepção e materialização da obra, cabe elogiar o cuidado para que ela transmita sentimentos de acolhimento e cura de Dona Flor e seu quintal. O livro faz possível tangenciar as cores, os cheiros, os sentimentos e os sonhos que a Mestra Dona Flor compartilha através dele.

Passemos ao conteúdo do livro. A apresentação, escrita por Watson, é de grande relevância, pois ela oferece a história, as intenções, as expectativas e as pessoas enredadas no livro. Além disso, está destacado no livro a importância das questões legais implicadas no uso indevido dos conhecimentos tradicionais, com base na lei nº 13.123/2015.

A primeira parte do livro conta um pouco da história de Dona Flor, onde ela nasceu, como passou a morar na comunidade quilombola do Moinho e como adquiriu os seus conhecimentos ao longo do tempo. Essa parte conta com histórias emblemáticas da vida da mestra, que a marcaram profundamente e simbolizam transformações fundamentais a partir das quais Dona Flor vai entendendo seu ofício. Como a história de uma das primeiras vezes em que preparou um chá para a avó:

*“(...) Eu panhava as foia e cheirava... Essa aqui serve pra remédio, botava dentro da sacolinha. Levava pra casa e botava lá secano. E ela brigava, porque secava, sujava o terreiro e tal, e eu falava:
- Mas ah, vovó, isso aqui uma hora vai servir.*

- Pra que, minha filha? Suja o terreiro demais.

- Mas quando sujá o terreiro eu vou varrê.

E quando foi um dia ela começou com uma espirradeira, tossindo, ela fumava sempre o cachimbo, que ela mesma fazia, o cachimbinho de barro. Aí falou:

- Eu tô com a cabeça doendo, com meu nariz doendo, e não sei o que que eu faço.

Eu fui lá e botei a panelinha de barro no fogo, peguei a negramina, peguei a folha da cagaita, peguei um trem chamado de imbu, é um que toma pra emagrecer,

Peguei um da folhona grande, que dá um cacho vermelho, tem uns que chama bate caixa, tem uns que chama chapéu de couro. Aí eu fiz o chá e ofereci pra ela. Ela:

- Eu não vou beber não.

Que nunca tinha bebido aquilo, que podia dá a ela uma diarreia. Eu falei:

- Não, vovó, não vou dá a senhora remédio amargo não, bebe ao menos um pouquinho (...)”

Santos P. F. Pág. 21

A segunda parte traz ensinamentos da Mestra sobre a saúde da mulher, cuidados de pré-natal, de parto, de pós-parto e das crianças. Os ensinamentos vêm por meio de histórias contadas pela Mestra Dona Flor (e transcritas de maneira organizada para caber em um livro) sobre ocasiões em que um determinado remédio pode ser usado, seguidas pela explicação de como preparar esse remédio e dos outros usos que a mesma planta pode ter. Similares ao relato acima.

Esses campos do cuidado elencados acima são bastante amplos. Tendo isso em vista, alguns exemplos podem ser trazidos para dar mais vida à essa espiadinha que ofereço do livro. São banhos de assento para diversas infecções sexualmente transmissíveis, cuidados e ensinamentos sobre o ciclo menstrual, uma parte sobre o enema - um cuidado de lavagem intestinal muito utilizado pela mestra.

A última parte do livro, que corresponde à metade dele no que diz respeito à quantidade de páginas, trata da farmacopeia de Dona Flor. Traz fotos das plantas conhecidas pela mestra, seguidas dos nomes populares usados por ela, mas também acompanhadas do nome científico, na maioria das vezes. Cada foto acompanha o registro de pelo menos alguns usos de cada planta. Por vezes os usos aparecem juntos de alguma história envolvendo as plantas. Algumas vezes aprendemos como a mestra aprendeu a utilizar uma planta. Em outros momentos nos deparamos com histórias de momentos em que a planta foi utilizada, podendo

conhecer um pouco do que pensa a Mestra sobre a vida e sobre como se pode conhecer as plantas.

Mesmo sendo um livro muito rico, ao seu final ficamos querendo mais dele, mais histórias, mais plantas, mais Dona Flor. Entretanto, fomos avisados por Juliana na abertura do livro que esse livro não consegue e nem pretende substituir a riqueza e fertilidade que é o encontro com Dona Flor.

Por muito tempo os saberes tradicionais vêm sendo negligenciados e, paradoxalmente, apropriados. São diversas as estratégias de salvaguarda desses saberes e esse livro é uma delas. É uma obra cuidadosa nos mais diversos sentidos que essa palavra puder tomar.

Assim, convido você a abrir esse livro e a porta do jardim de Dona Flor, sentar-se em sua varanda e se deixar afetar pelos ensinamentos de uma mestra quilombola.